

Análise de Eficácia Comunicacional

Arquivo: renan.mp4

Tipo: video · **Status:** sintetizado · **Data:** 23/07/2026, 18:16:32

Contexto: autor: Renan Filho · legenda: Nunca vou esquecer das suas palavras, @mpaufferro. ▯ Ela relembrou a importância dos hospitais que construímos, em especial durante a pandemia, e como fizeram a diferença na vida de tantas famílias.

É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas!▮♥ · contexto: Conteúdo publicado na rede do ex-ministro e ex-governador de Alagoas, Renan Filho, que é pre-candidato ao governo de Alagoas. · objetivo: prova social · plataforma: Instagram

Pacote político (P1–P4): ativo

Síntese executiva

Índice geral: 6.7 / 10

O conteúdo funciona como narrativa de redenção pessoal que mobiliza prova social através de confissão e validação retroativa. A engrenagem central é simples: uma mulher comum admite ter criticado o político no passado ('Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele', 15.3s), a multidão valida essa crítica como legítima ('É verdade!', 19.5s), e então a crise (pandemia) prova que a crítica estava errada — o político estava preparado. Essa sequência ativa culpa pessoal → pertencimento coletivo → esperança retroativa, criando um efeito de 'nós estávamos enganados, mas ele tinha razão'. O mecanismo gira bem na camada emocional e de prova social: a vulnerabilidade da oradora (não ataque a terceiro, confissão de erro próprio) desativa defesas do espectador, e a reação audível da multidão reforça que a validação é compartilhada, não imposta. Porém, a engrenagem trava em três pontos críticos. Primeiro, não há promessa prospectiva — tudo é retrospectivo ('o Renan tava preparado'), adequado para consolidar base mas insuficiente para persuadir simpatizante mole que precisa de visão de futuro. Segundo, ausência total de CTA (nenhum pedido de ação, compartilhamento ou engajamento) deixa a prova social suspensa: o espectador valida emocionalmente mas não sabe o que fazer com essa validação. Terceiro, a narrativa é centrada no 'eu' da oradora e no 'ele' do político (razão eu/você = 8), não constrói 'nós' identitário — o público é testemunha de redenção alheia, não agente de transformação coletiva. Para objetivo declarado (prova social), o conteúdo entrega: multidão reage, confissão é autêntica, valência é positiva. Mas para mobilização pré-eleitoral, fica aquém porque não converte validação emocional em ação ou identidade compartilhada.

Forças

- **Confissão de erro próprio como desativador de resistência** — A oradora não ataca o político nem oferece defesa genérica; ela admite ter criticado e estar errada, o que reduz

drasticamente a probabilidade de o espectador ativar defesa cognitiva. Essa vulnerabilidade nomeada funciona como prova social de primeira ordem: se uma crítica anterior foi superada por evidência, a crítica futura também pode ser.

- Evidência: [0:15] "Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele. Eu disse: 'Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar'."
- **Sincronização áudio-visual de prova concreta com narrativa verbal** — O b-roll de hospitais com placas nomeadas ('Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher') e faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' aparece no momento exato em que a narrativa menciona ação concreta (1.2s–10.9s). Essa justaposição elimina abstração: o espectador vê infraestrutura real enquanto ouve promessa cumprida, ancorado em topônimos verificáveis (Maceió, Alagoas).
 - Evidência: [0:10] "b-roll de hospitais com placas 'Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher', faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'"
- **Reação coletiva audível como validação de dúvida compartilhada** — A multidão grita 'É verdade!' no ponto de transição (19.5s), confirmando que a dúvida anterior ('Que isso não vai funcionar') era coletiva e agora foi superada coletivamente. Isso transforma a redenção de evento individual em fenômeno de grupo, elevando o peso emocional e reduzindo isolamento do espectador que também duvidou.
 - Evidência: [0:19] "É verdade! (reação da multidão)"

Fraquezas

- **Ausência total de CTA deixa prova social suspensa** — O conteúdo ativa validação emocional mas não oferece nenhum pedido de ação — nem compartilhamento, nem engajamento, nem voto. A prova social fica internalizada no espectador sem via de amplificação ou conversão em comportamento.
 - Evidência: "Nenhum CTA detectado em toda a duração"
 - Correção sugerida: Inserir CTA transitório no fechamento ('Compartilhe se você também mudou de ideia' ou 'Renan Filho: história de ação') que converta validação emocional em amplificação orgânica.
- **Narrativa retrospectiva sem promessa prospectiva** — Toda a força narrativa apoia-se em validação do passado ('o Renan tava preparado para receber tudo e todos' durante pandemia). Não há promessa nomeada para futuro, o que consolida base mas não persuade simpatizante mole que precisa de visão de ação futura para justificar voto.
 - Evidência: [0:22] "o Renan tava preparado para receber tudo e todos"
 - Correção sugerida: Adicionar após clímax uma promessa específica e datada ('Vou construir X centros de saúde em Y regiões até Z data') que transforme defesa retrospectiva em mobilização prospectiva.
- **Construção de 'nós' identitário ausente; público é testemunha, não agente** — Razão eu/você = 8 (acima de 2:1), índice de 'nós' = 0, densidade de 'você' = 0.97/100 palavras. O espectador é convidado a validar ação alheia (oradora e político), não a participar de transformação coletiva. Isso reduz senso de pertencimento e agência, adequado para consolidação de base mas insuficiente para mobilização.

- Evidência: [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado."
- Correção sugerida: Reformular legenda para afirmar que foi pressão coletiva de eleitores que demandou hospitais, e que agora 'estamos fazendo história juntos', deslocando sujeito de 'ele faz' para 'nós fazemos'.

O que este conteúdo ensina

- **Confissão de erro próprio antes de validação reduz resistência cognitiva** — A oradora admite ter criticado o político ('Eu critiquei ele') antes de validar ação, criando sequência confissão → prova → redenção que funciona como prova social de primeira ordem: se essa crítica foi superada, outras também podem ser. (Validar antes de propor; inoculação contra objeção)
- **Prova visual concreta sincronizada com narrativa verbal elimina abstração** — B-roll de hospitais com placas nomeadas aparece no momento exato em que a narrativa menciona construção, ancorado em topônimos verificáveis (Maceió, Alagoas). Isso transforma promessa em evidência perceptível. (Justaposição persuasiva; ancoragem em realidade verificável)
- **Reação coletiva audível transforma redenção individual em fenômeno de grupo** — Multidão grita 'É verdade!' no ponto de transição, confirmando que dúvida anterior era compartilhada. Isso reduz isolamento do espectador que também duvidou e eleva peso emocional da validação. (Prova social de segunda ordem; pertencimento através de validação coletiva)
- **Ausência de CTA deixa prova social internalizada, sem amplificação orgânica** — Conteúdo ativa validação emocional mas não oferece pedido de ação (compartilhamento, engajamento, voto). Prova social fica suspensa no espectador sem via de conversão em comportamento. (CTA transitório; conversão de validação em amplificação)
- **Narrativa retrospectiva consolida base mas não persuade simpatizante mole** — Toda força narrativa apoia-se em validação do passado (pandemia). Sem promessa prospectiva nomeada, o conteúdo funciona para reforçar lealdade de quem já apoia, mas não oferece razão de voto para quem ainda decide. (Defesa retrospectiva vs. mobilização prospectiva; segmentação de público)

Coerência entre lentes: Captura emocional alta (n1=7, n5=8) com retenção visual média (n3=7, cortes/min=3.5, cenas longas=11.57s média) sugere que o conteúdo prende atenção inicial mas não renova estímulo visual ao longo da duração — risco de evasão no meio mitigado apenas pela força narrativa, não por ritmo. Adicionalmente, prova social alta (n5=8, n6=5) com ausência de CTA (estrutura=0) indica que o conteúdo valida emocionalmente mas não converte validação em ação, deixando potencial de amplificação orgânica não realizado.

Notas por lente

Lente	Nota
N1 — Abertura & Captura	7/10
N10 — Mensagem & Proposta	5/10
N2 — Arquitetura Narrativa	7/10
N3 — Retenção & Ritmo	7/10
N4 — Emoção & Cérebro Primitivo	7/10
N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva	8/10
N6 — Identidade & Tribo	5/10
N7 — Validação & Posição Relacional	7/10
N8 — Clareza & Carga Cognitiva	7/10
N9 — Formato & Plataforma	6/10
P1 — Tipo de Voto Alvo	7/10
P2 — Quem Bate, Perde	5/10
P3 — Performance de Debate	7/10
P4 — Eleitor-Herói	6/10

Análises por lente

N1 — Abertura & Captura — nota 7/10

A abertura desta peça opera em um registro de vulnerabilidade performativa que rompe com a expectativa de discurso político convencional. Nos primeiros 0,9 segundos, a frase 'Eu quero lhe pedir desculpa' — incompleta, suspensa por pausa de 0,3s — funciona como chamariz por violação de expectativa: um político (ou sua base) raramente abre com confissão de erro. Isso interrompe o scroll automático porque sinaliza algo raro: uma narrativa de arrependimento. A mulher ao microfone, identificada pela legenda como @mpaufferro, fala em primeira pessoa com gesticulação intensa e expressão de ênfase facial, criando imediatismo e autenticidade. O espectador distraído, em 5 segundos, entende: alguém está pedindo desculpas por ter criticado um político que depois provou estar certo. A informação mais impactante — a construção de hospitais — aparece cedo (1,2s a 10,9s), ancorada em linguagem concreta ('fazer hospital por dentro de Maceió') e em referência religiosa ('aviso de Deus que nem Noé'), que funciona como amplificador emocional para o público-alvo alinhado ideologicamente.

A estrutura narrativa segue um arco de redenção: crítica passada → ação do político → validação pela crise (pandemia) → reconhecimento presente. Este é um padrão de 'triunfo_vira_lata' que mobiliza identificação em bases políticas porque oferece permissão para mudar de opinião sem perder face — a própria oradora modela isso. O b-roll de hospitais (10,9s a 12,9s) com flash de fotos e faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' funciona como prova social visual concreta, sincronizado

com a narrativa verbal. A multidão reage com 'É verdade!' (19,5s) e palmas (24,8s a 25,4s), dobrando a prova social: não é apenas a oradora que valida, é o coletivo.

O risco de evasão imediata é baixo porque a abertura não é genérica — 'pedir desculpa' é específico e inesperado em contexto político. Porém, há uma desconexão entre a intensidade emocional da abertura (confissão, vulnerabilidade) e o tipo de fechamento (parabenização, gratidão). A peça promete drama de arrependimento e entrega reconciliação suave. Isso não é incoerência fatal, mas reduz o impacto de retenção: o espectador que esperava mais tensão ou revelação pode perder interesse após o clímax (24,8s). A legenda do autor ('Nunca vou esquecer das suas palavras') reforça a narrativa de validação, mas não adiciona informação nova — apenas amplifica o que já foi dito no vídeo.

O discurso é centrado no 'eu' da oradora (razão eu/você = 8), não no 'você' do espectador. Isso funciona bem para prova social (o objetivo declarado) porque o espectador se identifica com a oradora, não é interpelado diretamente. A linguagem é concreta (Flesch 82,7), com frases curtas (9,4 palavras média), facilitando processamento em scroll. Não há CTA explícito — nenhum pedido de compartilhamento, comentário ou voto — o que é apropriado para prova social em Instagram, onde o objetivo é validação coletiva visível (palmas, reações), não ação imediata.

A abertura prepara o terreno por associação ao ativar culpa (crítica passada) e esperança (validação pela crise), criando um estado emocional receptivo à mensagem de que o político estava certo. Isso é pré-suasivo: antes do argumento central ('os hospitais funcionaram na pandemia'), a emoção já trabalha a favor. A cor vermelha dominante, símbolos de afiliação (boné azul 'Renan Filho', adesivo 'LULA'), e o cenário de palco político funcionam como priming cromático-simbólico que ancora credibilidade para o público-alvo declarado (base de esquerda em Alagoas).

Para reestruturação prioritária: (1) Intensificar a tensão entre abertura e fechamento inserindo um momento de dúvida ou conflito visual entre 15,3s e 20s — por exemplo, corte para rosto pensativo ou silêncio de 1s — que aumente o contraste com a validação final. (2) Adicionar um CTA transitório suave no fechamento ('compartilhe essa história' ou 'você também viu isso?') que converta prova social em ação de amplificação, sem quebrar o tom emotivo. (3) Reduzir a duração da cena final (atualmente 21,59s) cortando para 12-15s, mantendo o beijo no coração mas eliminando repetição verbal que dilui o impacto.

Dimensões: D1: 4/5 · D2: 4/5 · D3: 4/5 · D4: 3/5 · D5: 4/5

Penalidades: Desconexão moderada entre intensidade emocional da abertura (confissão, vulnerabilidade) e tipo de fechamento (parabenização suave) — reduz retenção em 0,5; Ausência de CTA explícito ou transitório — apropriado para objetivo de prova social, mas limita amplificação orgânica em 0,5

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa [pausa 0,3s]" — Abertura por violação de expectativa: confissão política rara que interrompe scroll automático e sinaliza narrativa não-convencional

- [0:01] "porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado" — Informação impactante aparece cedo (1,2s-10,9s); linguagem concreta + referência religiosa amplificam para público-alvo alinhado; passa teste dos 5s
- [0:10] "b-roll de hospitais com flash de fotos + faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'" — Prova social visual concreta sincronizada com narrativa verbal; co-presença de infraestrutura + símbolo de gratidão reforça valência positiva
- [0:19] "Eu critiquei ele. [multidão: 'É verdade!']" — Validação coletiva audível que dobra prova social; não é apenas oradora, é coletivo que valida a narrativa de arrependimento
- [0:24] "o Renan tava preparado para receber tudo e todos [palmas e 'Uhu!' da multidão]" — Clímax narrativo com reação coletiva explícita; transição de dúvida para triunfo; intensidade 3 em prova social
- [0:25] "Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado! Um beijo no fundo do coração" — Fechamento emotivo com elogio direto e gesto simbólico (beijo); cria identificação pessoal mas reduz tensão em relação à abertura

Sugestão: Inserir momento de dúvida visual (corte para rosto pensativo ou silêncio de 1s) entre 15,3s e 20s para aumentar contraste com validação final e manter tensão narrativa. Reduzir cena final de 21,59s para 12-15s, eliminando repetição verbal. Adicionar CTA transitório suave no fechamento ('compartilhe essa história') que converta prova social em amplificação orgânica sem quebrar tom emotivo.

N10 — Mensagem & Proposta — nota 5/10

A peça constrói uma mensagem central identificável, mas incompleta e desalinhada com o papel do emissor. A frase-síntese seria: 'Renan Filho construiu hospitais que se provaram essenciais na pandemia, validando sua visão de futuro para Alagoas.' Essa mensagem ancora-se numa dor/necessidade real do público-alvo (base de apoio em Alagoas): a necessidade de reconhecimento de ações concretas em saúde e a validação retroativa de decisões governamentais criticadas. O mecanismo narrativo é sofisticado: uma mulher da base (identificada como @mpaufferro, apoiadora visível pelos símbolos de vestuário) confessa arrependimento de ter criticado publicamente a construção de hospitais ('Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar' — 15.3s a 19.5s), e depois valida a ação quando a pandemia comprova sua utilidade ('o Renan tava preparado para receber tudo e todos' — 22.2s a 24.8s). Essa estrutura de 'crítica-arrependimento-validação' funciona como prova social de alta credibilidade porque vem de alguém que estava errado e admite, não de um apoiador incondicional. A multidão reage com 'É verdade!' (19.5s) e palmas intensas (24.8s-25.4s), reforçando a validação coletiva.

No entanto, a peça viola o teste do incumbente de forma crítica. Renan Filho é ex-governador (2019-2022) e pré-candidato ao governo, não governador em exercício. A legenda diz 'estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas', projetando futuro, mas a narrativa toda é retrospectiva: celebra ações já realizadas (hospitais construídos, pandemia já passada). Não há qualquer proposta de o que fará se eleito — apenas reafirmação de que fez bem no passado. Isso

deixa a peça vulnerável: por que não fez mais hospitais? Por que saiu do cargo? Por que espera agora para 'fazer história de novo'? A promessa ('fazer história de novo') não tem mecanismo (o quê, como, com quê), apenas intenção. A completude da proposta é zero nesse sentido.

A repetição estratégica da promessa central é fraca. A estrutura 'Eu quero lhe...' repete-se duas vezes (0.9s e 25.6s), criando ritmo memorável, mas a promessa em si ('hospitais que funcionam em crise') aparece uma única vez, embutida na narrativa de validação, nunca como promessa futura. A frase-síntese não é portátil para o espectador repetir no bar porque não há proposição clara — há apenas confissão alheia e celebração de passado. O argumento que o público leva é 'Renan construiu hospitais e acertou', não 'Renan vai fazer X para Alagoas'.

A ancoragem na dor/necessidade é real e nomeada: a base de apoio em Alagoas (visível pelos símbolos de vestuário — boné azul 'Renan Filho', adesivo 'LULA', bonés vermelhos com estrela) precisa de validação de que suas escolhas políticas passadas foram corretas, especialmente em saúde. A pandemia funcionou como teste de realidade que provou a utilidade dos hospitais. Isso responde a um temor concreto: 'Fizemos a escolha certa?' A resposta é 'Sim, a pandemia provou.' Mas esse é um argumento de defesa do passado, não de mobilização para o futuro.

O equilíbrio diagnóstico/solução está desequilibrado para diagnóstico (ou melhor, para validação retrospectiva). Não há denúncia de problema atual — há apenas celebração de solução passada. Isso torna a peça mais adequada a consolidar apoio já existente do que a persuadir indecisos ou mobilizar para ação futura (votação, campanha, etc.). Para uma pré-candidatura, isso é um risco: a peça não diz por que votar nele agora, apenas por que votaram certo antes.

Os gatilhos emocionais e narrativos funcionam bem internamente: a confissão de erro (culpa/vergonha transformada em arrependimento), a validação pela crise (esperança retroativa), a prova social audível (multidão), a autoridade simbólica (símbolos de cargo e filiação) e a história pessoal (vulnerabilidade de @mpaufferro) criam uma experiência coerente e memorável. O b-roll de hospitais com placas e faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' (10.9s-12.9s) fornece âncora visual concreta. A linguagem é acessível (Flesch 82.7), as frases curtas (9.4 palavras média), sem jargão. Tudo isso serve bem ao objetivo declarado de 'prova social' — a peça prova que a base valida as ações passadas.

Mas o objetivo declarado ('prova social') e o contexto (pré-candidato) estão em tensão. Prova social de ações passadas não é suficiente para uma campanha eleitoral. A peça precisaria de uma segunda camada: após validar o passado, lançar uma promessa clara e completa para o futuro, com mecanismo. Exemplo de reestruturação: manter a narrativa de confissão-validação (que funciona), mas terminar não com 'Um beijo no fundo do coração', mas com uma frase como 'E agora Renan vai fazer mais: [promessa específica com prazo/recurso]'. Isso transformaria a peça de defesa em mobilização.

A penalidade mais grave é o teste do incumbente violado: governa (foi governador), promete para o futuro ('fazer história de novo'), mas não explica por que não fez 'história' completa quando estava no cargo ou por que saiu. Há também dispersão temática leve: a peça mistura celebração de hospitais passados com promessa vaga de futuro, sem clareza sobre qual é o foco. E há ausência

de qualquer número ou dado central com fonte — 'hospitais' é mencionado mas não quantificado, 'pandemia' é referência genérica sem dados de vidas salvas ou capacidade hospitalar específica.

Dimensões: D1: 4/5 · D2: 4/5 · D3: 1/5 · D4: 3/5 · D5: 2/5

Penalidades: Teste do incumbente violado (−0,5): ex-governador promete 'fazer história de novo' sem explicar por que não completou no mandato anterior ou por que saiu; Promessa fora do escopo (−0,5): 'fazer história de novo em Alagoas' é vaga e não especifica o que será feito, com quê ou como — incompatível com papel de pré-candidato que deve detalhar plano; Dispersão temática leve (−0,25): peça mistura celebração de passado (hospitais construídos) com promessa de futuro (fazer história) sem integração clara — dois objetivos disputando a peça

Evidências:

- [0:15] "Eu disse: 'Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar'" — Estabelece a dor/necessidade: validação retroativa de decisão criticada. Prova social credível porque vem de crítico convertido.
- [0:22] "o Renan tava preparado para receber tudo e todos" — Clímax narrativo que responde à dúvida anterior. Mas é retrospectivo (pandemia já passou) — não oferece promessa futura.
- [0:19] "É verdade! (reação da multidão)" — Prova social audível que valida a narrativa. Funciona bem para consolidar apoio existente, não para persuadir.
- [0:25] "Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo" — Transição para elogio presente, mas 'eventos' é vago — não há especificação de o que são ou para quê servem.
- "É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas" — Promessa futura na legenda, mas sem mecanismo (o quê, como, com quê). Viola completude da proposta para pré-candidato.

Sugestão: Manter a narrativa de confissão-validação (que funciona como prova social), mas adicionar uma segunda camada após o clímax: inserir uma promessa específica e completa para o futuro (ex.: 'E agora vou construir [X hospitais/centros de saúde] em [Y regiões] até [Z data]'), com mecanismo visível (recursos, cronograma). Isso transformaria a peça de defesa retrospectiva em mobilização prospectiva, adequada ao papel de pré-candidato. Alternativamente, se o objetivo é apenas prova social para consolidar base, remover a promessa vaga de futuro da legenda e focar exclusivamente em 'Renan acertou no passado — confiem nele', deixando a proposta futura para outro conteúdo.

N2 — Arquitetura Narrativa — nota 7/10

Este conteúdo opera uma fórmula narrativa de redenção pessoal que funciona simultaneamente como prova social para o político. A história que se desenrola é a de uma mulher (identificada como @mpauffero, apoiadora) que reconhece publicamente um erro de julgamento passado — ter criticado a construção de hospitais em rede social — e valida retroativamente a decisão do político quando a pandemia comprova que aquela infraestrutura era necessária. O mecanismo é elegante: a oradora ocupa o papel de herói da própria transformação ("Eu quero lhe pedir desculpa... Depois

veio a coronavírus... Eu quero lhe parabenizar"), mas essa transformação só é possível porque o político (Renan Filho) agiu com visão. Assim, embora a oradora seja nominalmente o herói, o político é o verdadeiro guia que tinha razão desde o início — um deslocamento sutil que preserva o protagonismo da base enquanto reforça a autoridade do candidato.

A fórmula narrativa completa está presente: há um desejo claro (reconhecer o acerto do político), um problema em três camadas (externo: falta de infraestrutura de saúde; interno: arrependimento e vergonha por ter duvidado; filosófico: "não deveria ter desconfiado de quem age com propósito"), um vilão implícito (a própria dúvida inicial, não uma pessoa), e uma transformação perceptível (de crítica a apoio). O b-roll de hospitais reais com placas identificáveis ("Hospital Regional da Mata", "Hospital da Mulher") e a faixa "OBRIGADO GOV RENAN FILHO" funcionam como prova material que ancora a narrativa em realidade verificável, não em promessa futura.

O posicionamento do emissor é híbrido mas funcional para o objetivo. Renan Filho não fala — apenas aparece ao fundo, aplaudindo. A oradora é quem carrega a narrativa, o que democratiza o endosso (não é o político elogiando a si mesmo, é a base que o valida). Porém, a legenda do político ("Nunca vou esquecer das suas palavras... É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo") recoloca o político como intérprete final da mensagem, transformando a fala da mulher em munição para sua campanha. Há empatia demonstrada pela oradora (vulnerabilidade ao confessar o erro, tom caloroso), mas a autoridade vem do político através da prova social — a multidão aplaudindo, a infraestrutura visível, o endosso de uma apoiadora que mudou de ideia.

O problema reside em uma truncagem estrutural crítica: não há chamada à ação explícita. O objetivo declarado é "prova social", e a peça entrega isso com eficácia (multidão validando, reação coletiva em 19.5s e 24.8s), mas não convida o espectador a fazer nada além de consumir e concordar. Para uma pré-candidatura, isso é uma oportunidade perdida. A peça poderia terminar com um CTA transitório de baixo risco ("Compartilhe essa história", "Comente o que você acha", ou até um link para mais informações sobre os programas de saúde), mas encerra com um gesto emotivo (beijo no coração) que fecha a narrativa sem abrir porta para ação. Isso reduz o potencial de viralização e mobilização além do círculo já convencido.

Outra fragilidade: a identidade aspiracional ("de → para") é pessoal, não coletiva. A oradora passa de "crítica desconfiada" para "apoiadora grata", mas o espectador não recebe uma identidade clara para vestir. Qual é o "para" para quem assiste? Ser como @mpaufferro (reconhecer o acerto)? Confiar em Renan Filho? Votar nele? A legenda tenta forçar isso com "estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas", mas é fraco — usa "nós" sem ter construído pertencimento antes no vídeo. O público-alvo (base de esquerda em Alagoas, identificável pelos símbolos: boné com logo de Renan, adesivo Lula, cores vermelhas) já está dentro do círculo; a peça reforça coesão interna, não expande.

A qualidade do vilão é baixa. Não há um antagonista nomeado — apenas a dúvida inicial da oradora, que é pessoal, não sistêmica. Isso torna a narrativa menos mobilizadora para quem não viveu aquele momento de crítica. Um vilão mais forte seria a negligência de saúde anterior, a falta de investimento histórico, ou mesmo a desconfiança generalizada em políticos — algo que ressoe além

da experiência individual de @mpaufferro. Sem isso, a peça funciona como validação interna ("você tinham razão") mas não como argumento para persuadir indecisos.

A linguagem é acessível (Flesch 82.7, frases curtas), o ritmo é variável e não monótono, e os gatilhos emocionais (culpa/redenção, esperança, afeto) estão bem distribuídos. A sincronização entre fala, efeitos sonoros (palmas, flash de fotos) e imagens é precisa. Porém, a razão eu/você é 8:1 — a narrativa é profundamente centrada na experiência da oradora, não no benefício para o espectador. Isso é apropriado para prova social (testemunho pessoal), mas limita o alcance persuasivo.

Para reestruturação prioritária: (1) Adicionar um CTA transitório no final ("Compartilhe sua história de como a saúde melhorou em Alagoas" ou "Conheça os programas de saúde de Renan Filho") que converta validação em ação. (2) Expandir a identidade aspiracional na legenda ou em um frame final: em vez de "estamos no caminho certo", algo como "Você também pode reconhecer quando alguém acerta — vote em quem prova com ações, não promessas". (3) Nomear um vilão mais universal na fala da oradora (ex.: "Eu duvidava porque a gente tá acostumado com promessas vazias"), o que tornaria a redenção dela mais relatable para quem ainda está indeciso.

Dimensões: D1: 4.5/5 · D2: 4/5 · D3: 3.5/5 · D4: 3/5 · D5: 4.5/5

Penalidades: Ausência de CTA explícito: objetivo declarado é prova social, entregue, mas sem convite à ação futura (−0,5); Identidade aspiracional truncada: transformação pessoal clara, mas identidade coletiva para o espectador não é oferecida (−0,5); Vilão difuso: dúvida pessoal não é suficientemente sistêmica ou universal para mobilizar além da base já convencida (−0,5)

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado." — Abertura da fórmula de redenção: confissão de erro passado + reconhecimento da ação do político. Estabelece o problema em camada interna (arrependimento).
- [0:15] "Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele. Eu disse: 'Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar'." — Nomeação do erro específico (crítica pública), tornando a redenção posterior mais concreta e verificável. Vilão implícito: a própria desconfiança.
- [0:20] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos. [multidão aplaude, grita 'Uhu!']" — Clímax narrativo: validação retroativa da ação criticada + prova social coletiva (palmas, gritos). Transição de dor (dúvida) para ganho (reconhecimento).
- [0:10] "b-roll com placas 'Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher', faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO', leitos e equipamentos médicos." — Prova material que ancora a narrativa em realidade verificável. Funciona como autoridade e reciprocidade: ações concretas justificam gratidão.
- [0:25] "Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado! Um beijo no fundo do coração." — Resolução

emocional: transformação completa de crítica a apoio. Porém, encerra sem CTA — gesto emotivo fecha a narrativa sem abrir porta para ação futura.

- "Legenda: 'Nunca vou esquecer das suas palavras, @mpaufferro... É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas!'" — Reposicionamento do político como intérprete final. Transforma testemunho pessoal em munição de campanha, mas usa 'nós' sem ter construído pertencimento coletivo no vídeo.

Sugestão: Inserir um CTA transitório nos últimos 3 segundos (ex.: 'Compartilhe sua história de como a saúde melhorou' ou link para programa de saúde) para converter validação em ação. Nomear um vilão mais universal na fala da oradora ('a gente tá acostumado com promessas vazias') para expandir identificação além da base. Reescrever a legenda para oferecer identidade aspiracional coletiva: 'Você também pode reconhecer quando alguém acerta — vote em quem prova com ações'.

N3 — Retenção & Ritmo — nota 7/10

O conteúdo sustenta a atenção até o final, mas com um vale significativo no meio que reduz a retenção. A peça funciona como prova social — testemunho de apoiadora que reconhece erro passado e valida ação política — e entrega payoff claro ao final, mas o ritmo visual e a estrutura narrativa criam pontos de evasão evitáveis.

A tensão abre forte com uma confissão pessoal ('Eu quero lhe pedir desculpa') que gera curiosidade: por quê? O que aconteceu? Essa abertura é concreta e vulnerável, características que mobilizam atenção em conteúdo de prova social. A oradora nomeia o objeto da desculpa — crítica pública a hospitais — e introduz um contraste: ela duvidava, mas estava errada. Até aqui (0–19.5s), o loop de curiosidade está aberto e o motivo para continuar é forte: 'o que ela vai dizer agora?'

O pico de retenção ocorre em 19.5–24.8s, quando a narrativa entrega o payoff: 'Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos.' A multidão reage com 'É verdade!' (19.5s) e depois aplaude (24.8–25.4s), validando a narrativa. Esse fechamento de loop é rápido, satisfatório e reforçado por prova social audível. A cadência aqui é alta — a fala acelera emocionalmente, a música sobe, o efeito sonoro de palmas marca o clímax.

O problema está no segmento 10.9–12.9s: o b-roll de hospitais com efeito de flash de fotos. Embora visualmente concreto, essa sequência é estática em termos de narrativa — não avança a história, apenas ilustra o que já foi dito. A câmera não se move, o texto em tela repete informação já ouvida, e não há novo elemento que renove o motivo de continuar. É um vale onde a atenção tende a cair, especialmente em consumo mobile (9:16 vertical, Instagram), onde o espectador está acostumado a cortes rápidos. A duração média das cenas é 11.57s, e a cena final (palco) dura 21.59s — ambas longas para o formato. Isso fatiga.

O ritmo de cortes é 3.5 cortes/min, abaixo do ideal para retenção em short-form (5–8 cortes/min seria mais adequado). Não há silêncios dramáticos (nenhuma pausa $\geq 1.5s$), o que evita respiro mas também impede picos de tensão construídos por contraste. A fala é contínua e densa (178 palavras/min), o que sustenta engajamento auditivo mas não compensa a monotonia visual.

O fechamento (25.8–34.7s) é emotivo e memorável — 'Um beijo no fundo do coração' é uma linha citável que consolida o tom de gratidão e afeto. Porém, essa seção é longa (9s) e repete estrutura ('Eu quero lhe parabenizar...') sem novidade visual ou narrativa. A oradora continua no mesmo plano, gesticulando, enquanto a câmera não se move. Para um público-alvo de base política em Instagram (objetivo: prova social, contexto: pré-candidatura), isso funciona — a repetição anafórica ('Eu quero lhe...') é memorável e reforça a transição emocional. Mas em termos de retenção pura, o segmento perde força no último terço.

Os loops narrativos: abre-se um (crítica → arrependimento → validação) e fecha-se completamente. Nenhum loop fica em aberto ao final, o que é apropriado para prova social (objetivo é encerrar com validação, não deixar curiosidade). Porém, a ausência de loops abertos também significa que não há motivo para compartilhar ou comentar — o conteúdo é autossuficiente, não convida à ação. Isso é uma fraqueza em termos de viralidade, embora não seja o objetivo declarado.

Os gatilhos de persuasão estão bem distribuídos: prova social (multidão), autoridade (símbolos visuais de cargo, faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'), reciprocidade (enumeração de ações concretas), emocional (confissão + arrependimento + gratidão). O lastro é real — a oradora é nomeada (@mpaufferro), os hospitais são visíveis, a reação da multidão é audível. Para o público-alvo (base política de Renan Filho), esses gatilhos são potentes porque reforçam pertencimento e validam a escolha de voto.

Concretude é alta (0.67/1): hospitais, ambulâncias, leitos, pessoas com jalecos, boné azul com logo, adesivo 'LULA' — tudo visualizável. Memorabilidade é média: a estrutura anafórica ('Eu quero lhe...') gruda, mas não há slogan único que consolide a mensagem. A legenda do autor ('Nunca vou esquecer das suas palavras') reforça a narrativa, mas não está integrada ao vídeo.

Penalidades: (1) o meio do conteúdo (10.9–12.9s) vira ilustração em bloco sem progressão narrativa — é uma pausa visual que não renova o motivo de continuar; (2) a razão eu/você é 8:1, indicando que o discurso é centrado na oradora, não no espectador — para prova social isso é apropriado (testemunho pessoal), mas reduz identificação em público amplo; (3) nenhum CTA detectado — não há convite a compartilhar, comentar ou votar, apenas validação passiva.

Sugestão de reestruturação: (1) Reduzir o b-roll de hospitais de 2s para 0.8s e intercalar com close-ups de rostos da multidão reagindo — isso mantém concretude mas acelera o ritmo e renova estímulo visual. (2) Dividir o fechamento (25.8–34.7s) em dois segmentos: parabenização rápida (3s) + corte para close-up da oradora mandando beijo (2s) — isso quebra a monotonia visual e mantém o payoff emocional. (3) Adicionar um CTA implícito no final (ex.: 'Compartilhe se você também acredita em Alagoas') — isso não compromete o tom de prova social mas mobiliza ação.

Dimensões: D5_memorabilidade: 3.5/5 · D1_tensao_continua: 4/5 · D4_contraste_apostas: 4/5 · D2_renovacao_estimulo: 3/5 · D3_concretude_imagética: 4.5/5

Penalidades: meio do conteúdo (10.9–12.9s) vira ilustração em bloco sem progressão narrativa: b-roll de hospitais com efeito de flash, câmera estática, texto em tela repete fala — vale visual que reduz retenção; razão eu/você 8:1 — discurso centrado na oradora, não no espectador; apropriado

para prova social mas reduz identificação em público amplo; nenhum CTA detectado — sem convite a compartilhar, comentar ou votar; apenas validação passiva

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado." — abertura de loop de curiosidade com confissão pessoal e contraste (crítica → arrependimento); vulnerabilidade mobiliza atenção em prova social
- [0:10] "flash de fotos [b-roll de hospitais, ambulâncias, leitos, equipamentos médicos, pessoas com jalecos]; câmera estática, plano 'b-roll', duração 2.1s" — vale visual: ilustração sem progressão narrativa; mantém concretude mas não renova motivo de continuar; risco de evasão no meio
- [0:19] "É verdade! [reação da multidão]; Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos. [fala da oradora, tom triunfante]; palmas e grito 'Uhu!' da multidão (24.8–25.4s)" — pico de retenção: fechamento de loop com payoff claro (validação pela crise) + prova social audível (multidão); cadência acelera, música sobe, efeito sonoro marca clímax
- [0:25] "Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado! Um beijo no fundo do coração." — fechamento emotivo com linha citável ('Um beijo no fundo do coração'); memorável mas longo (9s) e visualmente monótono — câmera estática, mesmo plano, sem corte
- [0:12] "boné azul com logo 'Renan Filho'; adesivo 'LULA' no peito da oradora; faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' visível no b-roll; bonés vermelhos com estrela (Lula)" — autoridade visual + prova social: símbolos de cargo e afiliação partidária; lastro real (oradora nomeada @mpaufferro, hospitais visíveis); reforça pertencimento para público-alvo de base política

Sugestão: Reduzir b-roll de hospitais de 2s para 0.8s e intercalar com close-ups de rostos da multidão reagindo — mantém concretude mas acelera ritmo. Dividir fechamento em parabenização rápida (3s) + close-up de beijo (2s) para quebrar monotonia visual. Adicionar CTA implícito no final ('Compartilhe se você também acredita em Alagoas') para mobilizar ação sem comprometer tom de prova social.

N4 — Emoção & Cérebro Primitivo — nota 7/10

O vídeo constrói uma narrativa de redenção pessoal que funciona como prova social de alta potência emocional, mas com ativação instintiva moderada e direcionamento fraco ao decisor real. A peça opera em três movimentos emocionais distintos: (1) confissão de culpa com arrependimento (0–19.5s), (2) validação retroativa pela crise (19.5–24.8s), (3) afeto e gratidão (25.8–34.7s). O primeiro movimento ativa indignação e vergonha no espectador — a oradora critica publicamente uma ação que depois se prova correta, criando dissonância cognitiva que o público resolve através da identificação com seu arrependimento. A frase 'Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado' (1.2–10.9s) ancora a narrativa em concretude (hospitais reais, geografia

específica de Alagoas), mas a metáfora religiosa ('aviso de Deus que nem Noé') permanece abstrata e não materializa a visão ou o planejamento que motivou a construção. O segundo movimento (20–24.8s) dispara esperança e validação: 'Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos' — aqui a ação criticada torna-se profética, e a multidão reage com 'É verdade!' e palmas, gerando prova social de intensidade 3. Esse contraste (dúvida → triunfo) é decisivo e facilita escolha rápida: o político estava certo, a oradora estava errada, logo o político merece apoio. O terceiro movimento (25.8–34.7s) encerra com afeto puro: 'Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado! Um beijo no fundo do coração' — a linguagem é pessoal e vulnerável, mas o direcionamento permanece centrado no 'eu' da oradora (razão eu/você = 8), não no 'você' do espectador. A peça fala SOBRE o político através da voz de uma apoiadora, não PARA o espectador sobre por que ele deveria apoiar. A curva emocional é real e bem desenhada (tensão → alívio → afeto), mas o medo ou urgência de ação está ausente — não há via de ação clara além de 'concordar que o político estava certo'. A multidão funciona como âncora corporal (palmas, gritos sincronizados com clímax narrativo), reforçando a sensação de pertencimento a um grupo que já validou a decisão. Visualmente, o b-roll de hospitais (10.9–12.9s) com placas 'Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher' e faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' materializa a promessa, mas sem números, datas ou métricas de impacto — a prova é presencial, não quantificada. O tom é absolutista (1.94/100 palavras em linguagem rígida), sem concessivas ou hedges, o que reforça convicção mas reduz persuasibilidade junto a indecisos. Para o público-alvo declarado (base de Renan Filho em Alagoas, eleitores de esquerda já alinhados), a peça funciona como reforço de pertencimento e munção narrativa ('ele estava preparado, nós confiamos, ele provou estar certo') — mas para persuadir indecisos ou críticos, falta direcionamento pessoal claro ('você também pode confiar porque...'), urgência calibrada e uma via de ação específica além de 'compartilhe/vote'. A memorabilidade é forte no início ('Eu quero lhe pedir desculpa') e no fechamento ('Um beijo no fundo do coração'), mas o meio permanece em tom confessional sem variação dramática que quebrasse a monotonia visual (cenas longas: 11.57s de média, a mais longa com 21.59s). A legenda automática em amarelo acompanha a fala sem redundância, mas não amplifica emoção — é funcional, não estratégica. O medo, quando presente implicitamente (crítica que poderia ter prejudicado a reputação do político), vem sem via de ação — a oradora não oferece como 'você também pode corrigir sua crítica' ou 'você também pode reconhecer quando está errado', apenas confessa e pede desculpa, deixando o espectador como observador, não como agente. Sugestão de reestruturação: inserir no terceiro movimento (a partir de 25.8s) um direcionamento direto ao espectador ('Se você também duvidou, agora você vê que estava errado — como eu') e um CTA claro ('Compartilhe essa história com quem criticou os hospitais' ou 'Vote em quem constrói, não em quem critica'), transformando a narrativa de confissão pessoal em convite de ação coletiva. Adicionar um número específico no b-roll (ex.: 'X hospitais construídos', 'Y leitos preparados') ancoraria melhor a promessa em realidade verificável.

Dimensões: D1: 4.5/5 · D2: 2.5/5 · D3: 4/5 · D4: 2/5 · D5: 4/5 · D6: 4/5

Penalidades: Medo/urgência sem via de ação clara (–0,5): a confissão de culpa ativa vergonha, mas não oferece caminho específico para o espectador agir além de concordar retroativamente.; Direcionamento pessoal fraco (–0,5): razão eu/você = 8 (acima de 2:1), densidade de 'você' = 0,97/100 palavras — discurso centrado na oradora, não no espectador como agente de decisão.;

Cenas longas sem variação visual (−0,5): média de 11.57s por cena, máxima de 21.59s; ritmo de corte lento (3.5 cortes/min) cria monotonia visual que reduz ativação instintiva em plataforma de consumo rápido (Instagram).

Evidências:

- [0:01] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado" — Abertura memorável com confissão pessoal (ativa vergonha/indignação) e concretude geográfica (Maceió, estado), mas metáfora religiosa permanece abstrata — não materializa visão política subjacente
- [0:20] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos" — Clímax narrativo: transição de dúvida para validação retroativa; multidão reage com 'É verdade!' (prova social intensidade 3), criando contraste decisório que facilita escolha rápida
- [0:10] "b-roll com placas 'Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher', faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'" — Materialização visual concreta da promessa, mas sem números, datas ou métricas — prova é presencial, não quantificada; reforça autoridade através de justaposição (infraestrutura + gratidão coletiva)
- [0:34] "Um beijo no fundo do coração" — Fechamento memorável com gesto simbólico de afeto; reforça pertencimento emocional ao grupo, mas não oferece CTA ou via de ação para espectador além de 'concordar'
- [0:24] "palmas e grito 'Uhu!' da multidão (intensidade 3 de prova social)" — Âncora corporal sincronizada com clímax emocional; reforça sensação de pertencimento a grupo que já validou a decisão, ativando instinto de conformidade
- [0:15] "Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele" — Vulnerabilidade pessoal que humaniza a oradora e reduz distância com espectador, mas permanece narrativa de confissão, não de convite à ação coletiva

Sugestão: Inserir no terceiro movimento (a partir de 25.8s) um direcionamento explícito ao espectador ('Se você também duvidou, agora você vê que estava certo') e um CTA claro e transitório ('Compartilhe essa história com quem criticou os hospitais' ou 'Vote em quem constrói'). Adicionar um número específico no b-roll (ex.: 'X hospitais construídos em Y anos') para ancorar a promessa em realidade verificável e reduzir abstração. Aumentar variação visual com cortes mais rápidos (5–6 cortes/min) ou inserir depoimentos breves de beneficiários para quebrar monotonia de cenas longas e ativar instinto de identificação além de conformidade.

N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva — nota 8/10

Este conteúdo opera um sistema persuasivo altamente coeso e lastreado, estruturado em três estágios bem definidos que se alinham perfeitamente ao objetivo declarado (prova social) e ao público-alvo (base eleitoral de esquerda em Alagoas). O mecanismo dominante é a narrativa de redenção pessoal — a oradora confessa erro passado, valida-o pela crise (pandemia), e reconverte a crítica em apoio — funcionando como prova social porque encena publicamente a conversão de um crítico em apoiador, o que reduz resistência em espectadores com dúvidas similares. A

sequência é estratégica: começa com credibilidade institucional (símbolos visuais, referência a Noé, construção de hospitais verificáveis), passa por emoção intensa (confissão de culpa, arrependimento sincronizado com reação da multidão em 19.5s: "É verdade!"), e fecha com justificação racional (a pandemia provou a necessidade, logo a ação foi correta). Não há pedido explícito porque o objetivo não é ação imediata, mas validação coletiva — o CTA é implícito e transitório: "compartilhe esta conversão, reconheça o acerto político". Os gatilhos se empilham sem saturação: a justaposição de hospitais reais (b-roll 10.9–12.9s) com a faixa "OBRIGADO GOV RENAN FILHO" ancora credibilidade; o priming cromático (vermelho/azul/verde, símbolos de esquerda) ativa identidade partidária sem agressividade; a prova social (palmas + "Uhu!" em 24.8–25.4s) sincroniza-se com o clímax narrativo, amplificando o efeito. A proporção de gatilhos lastreados é excepcional: 18 de 19 têm lastro real ou verificável. O único ponto de fragilidade é o gatilho lógico em 1.2–24.8s ("aviso de Deus que nem Noé"), que é retórico e não verificável, mas funciona como metáfora de intuição política, não como pivô do argumento — o pivô é a construção concreta de hospitais. A persuasão permanece invisível porque não há cutucação exagerada: a linguagem é coloquial ("Eu quero lhe pedir desculpa", "Eu tô amando"), a gesticulação é natural, as reações da multidão parecem espontâneas (sincronizadas mas não forçadas). O discurso é centrado no "eu" da oradora (razão eu/você = 8), o que reforça vulnerabilidade e identificação — não é um porta-voz anônimo, é uma pessoa nomeada (@mpauferro) que se expõe. A legenda do autor (Renan Filho) recolhe o que os gatilhos plantaram: "Ela relembrou a importância dos hospitais que construímos... É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo" — fecha o loop, transforma prova social em mandato político. O sistema é competente porque cada camada (visual, sonora, narrativa, emocional) reforça a mesma mensagem sem redundância cansativa. Porém, há uma oportunidade de melhoria: o conteúdo não oferece munição argumentativa para que o espectador replique a narrativa em seu próprio círculo — faltam números (quantos hospitais? quantas vidas salvas?), faltam citações de terceiros além da multidão, falta um micro-CTA que convide o espectador a compartilhar sua própria conversão ("Você também mudou de ideia? Comente aqui"). Isso limitaria o alcance da prova social a quem já está próximo do evento ou da oradora.

Dimensões: D1: 5/5 · D2: 5/5 · D3: 4.5/5 · D4: 4/5 · D5: 4/5

Penalidades: -0,5: gatilho lógico 'aviso de Deus que nem Noé' (1.2–24.8s) é retórico e não verificável, embora não seja pivô central do argumento — reduz integridade marginal; -0,5: CTA transitório (25.8–34.7s) é implícito demais para plataforma Instagram, onde engajamento explícito (compartilhar, comentar, seguir) é esperado — deixa potencial de viralização subutilizado

Evidências:

- [0:01] "esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado" — credibilidade institucional: atribui ao político ação concreta (construção de hospitais) verificável, ainda que emoldurada em linguagem religiosa
- [0:19] "É verdade! (reação da multidão)" — prova social sincronizada: valida a confissão da oradora no ponto de transição (crítica → reconhecimento), reduzindo resistência do

espectador

- [0:10] "b-roll de hospitais com placas 'Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher', faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'" — justaposição persuasiva: infraestrutura real + símbolo de gratidão ancoram credibilidade visual e reforçam valência positiva sem necessidade de fala
- [0:24] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos" — justificação racional: encadeia causalidade (ação criticada → crise → preparação → validação), fechando o loop narrativo antes do clímax emocional
- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa... Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele" — narrativa pessoal com vulnerabilidade: confissão nomeada (@mpauferro) cria identificação e reduz distância entre oradora e espectador com dúvidas similares
- [0:25] "Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado!" — fechamento emocional: elogio direto + gratidão explícita + gesto de beijo no coração (34.7s) transforma prova social em afeto, não apenas validação

Sugestão: Adicionar micro-CTA explícito no final (ex.: "Se você também mudou de ideia sobre Renan, comente #MudeiDeldeia") para transformar prova social em engajamento replicável; incluir 1–2 números concretos (ex.: "5 hospitais construídos em 2 anos") na fala inicial para oferecer munição argumentativa que o espectador possa compartilhar; considerar um segundo depoimento breve de terceiro (profissional de saúde, paciente) para amplificar prova social além da oradora nomeada.

N6 — Identidade & Tribo — nota 5/10

O conteúdo constrói um 'nós' frágil e dependente de hostilidade implícita. A peça funciona como prova social de primeira ordem: uma mulher comum (@mpauferro) aparece em palco, nomeada e com rosto, confessando arrependimento público por ter criticado o político — e a multidão valida essa confissão com aplausos. Esse é o mecanismo central: não se trata de construir uma comunidade ativa em torno de uma identidade compartilhada, mas de capturar um momento de submissão performática que funciona como munição política. O 'nós' emerge apenas implicitamente na legenda ('construímos', 'estamos no caminho certo'), mas permanece vazio de conteúdo próprio — não há nome, símbolo ou ritual que pertença ao público, apenas símbolos de filiação partidária (boné azul, adesivo Lula, cores vermelhas) que já circulam. A mulher não é protagonista de uma ação coletiva; é protagonista de uma redenção pessoal que serve ao político. Sua história (' critiquei, estava errada, agora reconheço') é um arco narrativo bem construído — usa a anáfora 'Eu quero lhe' (0.9s, 25.8s) como ritmo memorável — mas o propósito é validar retroativamente a decisão do político, não convocar o público a fazer algo junto. A transição da jornada de comunidade é ambígua: a peça não atrai curiosos nem conecta membros entre si; ela premia o núcleo de apoiadores já convertidos ao reafirmar que 'estar certo' é estar com o político. O pertencimento aqui depende integralmente de afirmação positiva do 'ele' (Renan Filho), não de negação do exogrupo — o que poderia parecer saudável, mas mascara uma fragilidade: não há convite à participação com papel real. O público é convidado a 'amando' (29.2s) e a compartilhar emoção, mas não a decidir, co-criar ou aparecer. A legenda tenta expandir o 'nós' ('construímos', 'estamos') mas o vídeo não oferece mecanismo para que quem assiste se sinta parte desse 'nós' — apenas espectador de uma

confissão alheia. O cenário (palco, multidão, símbolos partidários) é de comício, não de comunidade; a linguagem é de campanha ('fazer história de novo em Alagoas'), não de movimento. A peça é eficaz como prova social pontual — a reação audível da multidão (19.5s 'É verdade!', 24.8-25.4s palmas e 'Uhu!') é sincronizada e real — mas não constrói tribo. Constrói audiência que valida. Para reorientar: seria necessário nomear a comunidade ('os que acreditam em saúde pública em Alagoas'), oferecer um símbolo ou bordão que pertença ao público (não ao político), e convidar à co-criação com consequência real — por exemplo, pedir que seguidores compartilhem suas próprias histórias de acesso aos hospitais, criando um arquivo coletivo de pertencimento. Assim a mulher deixaria de ser confessante e passaria a ser porta-voz de um movimento.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 1/5 · D3: 3/5 · D4: 2/5 · D5: 3/5

Penalidades: Linguagem de campanha ('fazer história de novo') direcionada a base já convertida, não a público amplo — adequada ao contexto, mas reforça bolha; Pedido de engajamento implícito ('Nunca vou esquecer', 'É esse reconhecimento') sem oferta de papel real ao público — público como validador, não como agente; Comunidade citada na legenda ('construímos', 'estamos') mas sem papel no vídeo — aparece apenas na fala do político, não na ação coletiva; 'Nós' que exclui parte do público-alvo potencial: quem não é apoiador de Renan Filho ou não está em Alagoas não se vê representado

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado" — Confissão pessoal nomeada (@mpauferro) que funciona como prova social — mulher comum admite erro anterior, validando retroativamente ação do político
- [0:19] "É verdade! (reação da multidão)" — Validação coletiva audível sincronizada com narrativa — prova social de primeira ordem, mas não constrói identidade compartilhada, apenas reafirma consenso já existente
- [0:24] "palmas e grito 'Uhu!' da multidão; efeito sonoro de palmas" — Clímax de aprovação coletiva — reforça que estar 'certo' é estar com o político, não que há ação conjunta a fazer
- [0:25] "Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado! Um beijo no fundo do coração" — Transição de confissão para elogio — oferece afeto mas nenhum convite à participação com papel real; público permanece espectador
- "Nunca vou esquecer das suas palavras, @mpauferro. Ela lembrou a importância dos hospitais que construímos, em especial durante a pandemia, e como fizeram a diferença na vida de tantas famílias. É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas!" — Legenda tenta expandir 'nós' ('construímos', 'estamos') mas permanece vazia de mecanismo — nenhum símbolo, nome ou ritual de pertencimento que pertença ao público; apenas filiação partidária

Sugestão: Nomear explicitamente a comunidade ('Rede de Saúde de Alagoas', 'Quem acredita em vida' ou similar) e oferecer um símbolo ou bordão reconhecível que pertença ao público, não ao político. Convidar seguidores a compartilhar suas próprias histórias de acesso aos hospitais com

hashtag ou menção, transformando a peça de prova social pontual em convite à co-criação com papel real — assim a mulher deixa de ser confessante isolada e passa a ser porta-voz de um movimento nomeado.

N7 — Validação & Posição Relacional — nota 7/10

A peça opera um mecanismo de validação relacional que inverte a hierarquia tradicional emissor → público: não é o político que valida o eleitor, mas a eleitora que valida publicamente o político, transformando-se em porta-voz de uma mudança de opinião. Essa inversão é o cerne da eficácia persuasiva aqui.

O conteúdo começa com um ato de vulnerabilidade nomeado: 'Eu quero lhe pedir desculpa' (0.9s). A oradora não apenas reconhece um erro passado ('eu critiquei ele', 15.3s), mas o especifica com vocabulário concreto e situado — não diz 'duvidei da visão', mas 'cheguei na rede social dele e eu critiquei ele' (15.3s), reproduzindo a exata conduta anterior. Isso é espelhamento de conduta, não genérico. O público valida imediatamente com 'É verdade!' (19.5s), confirmando que a crítica foi real e compartilhada, o que aumenta o peso da redenção subsequente.

A sequência validar → propor está presente, mas invertida em direção: a oradora valida a experiência coletiva de dúvida ('que isso não vai funcionar', 19.5s) antes de propor a mudança de narrativa. Quando chega o pivô ('Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos', 24.8s), a audiência já reconheceu a si mesma no erro inicial, o que torna a validação do acerto subsequente mais visceral. O b-roll de hospitais (10.9–12.9s) não é apenas prova visual; é a materialização da ação que foi criticada, funcionando como demonstração concreta que responde à dúvida anterior sem palavras moralizantes.

A empatia aqui tem lastro triplo: emoção demonstrada (expressão facial de confissão, tom de arrependimento audível), ação concreta (os hospitais existem, visíveis no vídeo), e autorrevelação pertinente ('Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele'). A oradora não diz 'eu entendo a dúvida'; ela diz 'eu duvidei, eu critiquei, e estava errada'. Isso é diferente — é admissão de erro específico, não empatia genérica. A congruência entre verbal e não-verbal é alta: o tom de confissão inicial (pausas, gesticulação contida) contrasta com o tom de triunfo final ('Eu tô amando', 29.2s), com braços levantados e sorriso, marcando a transição emocional de forma sincronizada.

Não há invalidação do público. A oradora não diz 'você estavam errados em duvidar' (o que seria moralizar); ela diz 'eu estava errada em duvidar', centrando a culpa em si e preservando a dignidade coletiva. O público não é envergonhado; é incluído em uma jornada de aprendizado compartilhado. A multidão aplaude não porque foi corrigida, mas porque foi reconhecida como parte de uma narrativa de redenção.

O risco de invalidação aparece em um ponto específico: a legenda do político ('É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas!') tira o foco da oradora e a reposiciona como instrumento de validação do político, não como sujeito de sua própria mudança. A autorrevelação, que era pertinente na fala da oradora, vira

autocentrada na legenda do político — o 'eu' dele sobrepõe o 'ela' dela. Isso é uma penalidade leve de autorrevelação descentrada.

A especificidade da validação é moderada. A oradora nomeia a dor latente ('Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar', 19.5s), mas não detalha qual era a dúvida específica — era custo? Era efetividade? Era desconfiança no político? A crítica é reproduzida em tom, não em argumento. Isso deixa espaço para que cada membro da audiência preencha a lacuna com sua própria dúvida, o que é estrategicamente eficaz para prova social (quanto mais genérica a dúvida validada, mais pessoas se veem nela), mas reduz a profundidade da aceitação da experiência.

Na sequência final ('Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando', 25.8–31.2s), a oradora não pede mudança de comportamento do público — não há CTA (call-to-action) direto. O pedido implícito é apenas: reconheça, como eu reconheço. Isso funciona bem para prova social (o objetivo declarado), porque a mudança de opinião já foi demonstrada pela oradora; o público é convidado a seguir, não coagido. Mas deixa a peça sem ancoragem em ação futura (voto, compartilhamento, engajamento), o que é apropriado para Instagram em contexto de pré-candidatura, onde o objetivo é construir narrativa, não conversão imediata.

A congruência autêntica é alta no nível verbal e não-verbal da oradora (expressão, tom, gesticulação contam a mesma história de confissão → triunfo), mas há uma incongruência de nível estrutural: a peça é apresentada como validação da oradora ao político, quando na verdade é validação do político pela oradora, mediada pela audiência. Isso não é defeito em contexto de prova social — é exatamente o mecanismo esperado — mas marca que a peça não é sobre a oradora, é sobre o político usando a oradora como veículo. A autenticidade da oradora é real; o uso dela é instrumental.

Uma reestruturação prioritária seria: após o pivô ('Depois veio a coronavírus'), inserir uma frase que nomeie explicitamente a dúvida que foi validada ('Muita gente achava que era desperdício, que nunca ia usar esses leitos'), antes de passar para a validação. Isso aumentaria a especificidade da validação (D2) sem perder a eficácia de prova social, porque deixaria claro que a dúvida era compartilhada e agora foi superada coletivamente.

Dimensões: D1: 4/5 · D2: 3/5 · D3: 4/5 · D4: 5/5 · D5: 4/5

Penalidades: Autorrevelação descentrada na legenda do político (–0,5): a oradora é reposicionada como instrumento de validação do político, não como sujeito autônomo de mudança de opinião.; Especificidade moderada da validação (–0,25): a dúvida criticada ('Por que fazer tanto hospital?') é reproduzida em tom, não em argumento específico, deixando lacunas que o público preenche; eficaz para prova social, mas reduz profundidade de aceitação da experiência.

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa" — Abertura com vulnerabilidade nomeada; marca o início da sequência validar → propor, posicionando a oradora como sujeito que reconhece erro.

- [0:15] "Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele" — Espelhamento de conduta específica (não genérico 'duvidei'); reproduz a ação exata, aumentando credibilidade da confissão e permitindo que público se reconheça na crítica anterior.
- [0:19] "É verdade! (reação da multidão)" — Validação coletiva audível da crítica anterior; confirma que a dúvida era compartilhada, elevando o peso emocional da redenção subsequente.
- [0:10] "b-roll de hospitais com placas 'Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher', faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'" — Materialização visual concreta da ação criticada; responde à dúvida anterior sem moralização, funcionando como prova de ação (reciprocidade).
- [0:24] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos" — Pivô narrativo que transforma a ação criticada em ação validada pela crise; marca transição de dúvida para esperança retroativa.
- [0:29] "Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando" — Elogio direto com adjetivos positivos; congruência entre tom anterior (confissão) e tom final (triumfo) marca autenticidade da mudança de opinião.

Sugestão: Inserir após o pivô ('Depois veio a coronavírus') uma frase que nomeie explicitamente a dúvida compartilhada: 'Muita gente achava que era desperdício, que nunca ia usar esses leitos'. Isso aumenta a especificidade da validação (D2) sem perder a eficácia de prova social, porque deixa claro que a dúvida era coletiva e agora foi superada coletivamente. Adicionalmente, na legenda do político, reposicionar a oradora como sujeito ('Ela reconheceu que...') em vez de instrumento ('Ela relembrou...'), preservando a autenticidade de sua autorrevelação.

N8 — Clareza & Carga Cognitiva — nota 7/10

A peça funciona como testemunho de redenção política, estruturada para gerar prova social entre a base de Renan Filho. O mecanismo central é a confissão de erro seguida de validação: uma apoiadora reconhecida (@mpaufferro) admite ter criticado publicamente a construção de hospitais, mas a chegada da pandemia prova que a ação era correta. Isso resolve uma tensão cognitiva comum em eleitorados — a dúvida sobre promessas políticas — através de uma narrativa pessoal que o espectador pode internalizar como própria. O processamento é fluido porque a oradora usa frases curtas ('Eu quero lhe pedir desculpa', 'Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado'), palavras concretas (hospitais, Maceió, ambulâncias visíveis no b-roll) e uma estrutura anafórica repetida que cria ritmo memorável sem exigir releitura. A fala desliza: não há jargão técnico, as ideias não competem (uma domina: 'eu estava errada, ele estava certo'), e a densidade de informação cabe nos 34 segundos. Porém, há dois atrito pontuais. Primeiro, a comparação 'aviso de Deus que nem Noé' (1.2–8.4s) é uma metáfora religiosa que funciona bem para a base evangélica/conservadora de Alagoas, mas exige um salto conceitual — não é concreto, é simbólico — e pode confundir espectadores fora dessa bolha. Segundo, o discurso é fortemente centrado no 'eu' da oradora (razão eu/você de 8:1), o que reforça a prova social (testemunho pessoal é mais crível que abstração), mas deixa o espectador como observador, não como participante. A legenda de Renan Filho amplifica isso: 'Ela relembrou... como fizeram a diferença' — o político fala sobre a oradora, não com o público. Isso é apropriado para o objetivo declarado (prova social, não

mobilização), mas reduz a sensação de agência do espectador. O texto na tela (legendas amarelas) e a fala colaboram bem, com sincronização precisa e sem colisão. A reação da multidão ('É verdade!' em 19.5s, palmas em 24.8–25.4s) funciona como validação em tempo real, reforçando a unicidade da mensagem. Visualmente, a paleta (vermelho, azul, verde) e os símbolos (boné 'Renan Filho', adesivo 'LULA', faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO') fazem priming de identidade política, mas isso é esperado e apropriado para a base — não é ruído, é coesão de grupo. O b-roll de hospitais (10.9–12.9s) é breve e bem sincronizado com o efeito de 'flash de fotos', funcionando como prova visual concreta. A maior fraqueza é a ausência de CTA explícito: a peça termina com 'Um beijo no fundo do coração' (34.7s), que é emotivo mas não direciona ação (compartilhar, comentar, votar). Para a base já mobilizada, isso é suficiente — o testemunho reforça convicção. Para espectadores indecisos ou críticos, a falta de argumento racional (números de hospitais, vidas salvas, comparação com outros estados) deixa a peça vulnerável a contra-narrativas. A sugestão concreta: inserir um número específico ou comparação regional no b-roll (ex.: 'X hospitais construídos em Y anos', 'redução de Z% na mortalidade') para ancorar a narrativa emocional em fato verificável, elevando a credibilidade sem sacrificar a fluidez. Alternativamente, adicionar uma frase de CTA suave no final ('Compartilhe essa história' ou 'Renan Filho: história de ação') para converter prova social em ação.

Dimensões: D1: 4.5/5 · D2: 4.5/5 · D3: 4/5 · D4: 3.5/5 · D5: 4.5/5

Penalidades: Metáfora religiosa ('aviso de Deus que nem Noé') exige salto conceitual fora da bolha evangélica; –0,5; Ausência de CTA explícito reduz conversão de prova social em ação; –0,5

Evidências:

- [0:01] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado." — Estrutura anafórica ('Eu quero lhe...') cria ritmo memorável; frases curtas (média 9.4 palavras) reduzem carga cognitiva; comparação religiosa funciona para base evangélica mas exige salto simbólico
- [0:10] "b-roll de hospitais com placas 'Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher', faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'; efeito de flash de fotos sincronizado" — Prova visual concreta ancorada em topônimos reais (Maceió, Alagoas); sincronização áudio-visual reforça credibilidade; densidade de informação cabe em 2 segundos sem confusão
- [0:19] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos. [reação: 'É verdade!' + palmas em 24.8–25.4s]" — Clímax narrativo de redenção (crítica → validação pela crise); reação coletiva sincronizada funciona como prova social em tempo real, reforçando unicidade da mensagem
- [0:25] "Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado! Um beijo no fundo do coração." — Transição de confissão para elogio direto; linguagem afetiva ('amando', 'beijo no coração') gera identificação emocional; ausência de CTA deixa peça sem direcionamento de ação
- [0:00] "Legenda: 'Nunca vou esquecer das suas palavras, @mpaufferro... É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de

novo em Alagoas!" — Renan Filho fala sobre a oradora, não com o público; reforça prova social (testemunho de terceiro) mas reduz agência do espectador; apropriado para objetivo declarado (prova social) mas limita mobilização

Sugestão: Inserir um número específico ou comparação regional no b-roll (ex.: 'X hospitais construídos', 'Y% redução em mortalidade') para ancorar a narrativa emocional em fato verificável; adicionar CTA suave no final ('Compartilhe essa história' ou 'Renan Filho: história de ação') para converter prova social em ação compartilhável, elevando o impacto sem sacrificar fluidez.

N9 — Formato & Plataforma — nota 6/10

A peça funciona como testemunho político encenado, não como conteúdo nativo de feed. O mecanismo central é a confissão pública de erro seguida de redenção: uma mulher identificada (@mpauferro) admite ter criticado a construção de hospitais pelo governador Renan Filho em rede social, depois valida sua ação quando a pandemia prova que ele estava certo. Essa estrutura narrativa (dúvida → validação → gratidão) é potente para mobilizar a base ideológica declarada, mas a execução visual e rítmica a expõe como conteúdo político tradicional, não como fala autêntica de feed.

O filtro anti-anúncio é disparado logo no enquadramento: palco profissional com fundo vermelho, iluminação dramática, estrutura metálica de evento político visível, microfone em mão — tudo sinaliza 'comício filmado', não 'pessoa falando no Stories'. A oradora está em meio corpo, centralizada, com gesticulação performática (apontamentos, levantamento de braços, beijos ao coração) que, embora genuína em intenção, carrega a marca do discurso público preparado. Não há nenhuma marca de consumo casual: sem enquadramento de celular, sem fundo de casa ou rua, sem hesitações ou erros que sinalizem autenticidade crua. A legenda do post reforça isso ao nomear a oradora (@mpauferro) e enquadrá-la como 'ela relembrou', transformando o vídeo em prova social editorializada, não em captura de momento.

No mudo, a peça funciona parcialmente. O texto de apoio em amarelo na base da tela é legível e acompanha a fala com sincronismo adequado (ex.: 'Eu quero lhe pedir desculpa' aparece em 0–1.2s, 'porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé' em 1.2–10.9s). Porém, o b-roll de hospitais (10.9–12.9s) depende do áudio para ganhar significado — as imagens de edifícios, ambulâncias e leitos são genéricas sem a narração que as contextualiza como 'preparação para pandemia'. O efeito sonoro de 'flash de fotos' nesse trecho é o único elemento que tenta compensar, mas é insuficiente. A saliência visual em cada cena coincide com a mensagem: a oradora centralizada é o elemento mais chamativo quando fala, e o b-roll de hospitais com a faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' reforça a narrativa de reconhecimento. Mas essa congruência é construída, não emergente — o olho é guiado por iluminação profissional e composição de palco, não por dinâmica nativa de feed.

A trilha sonora (música de fundo baixa, ruído de multidão, palmas sincronizadas) e a paleta cromática (vermelho dominante, azul do boné de Renan Filho, verde da camisa ao fundo) contam a mesma história: evento político de esquerda, mobilização de base, celebração de ação governamental. A congruência sensorial existe, mas reforça a estética de 'conteúdo institucional',

não de 'fala de pessoa comum'. O ritmo de corte é lento (3.5 cortes/min) e as cenas longas (média 11.57s, com a terceira cena durando 21.59s) criam monotonia visual para consumo rápido em feed — o padrão de varredura mobile pune essa duração sem variação de plano ou zoom que mantenha a atenção.

A informação essencial está bem posicionada no início: 'Eu quero lhe pedir desculpa' (0–0.9s) é o gancho que prende, seguido imediatamente pela razão ('porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé'). O clímax narrativo ('o Renan tava preparado para receber tudo e todos', 20–24.8s) chega no meio-final, com reforço posterior ('Eu quero lhe parabenizar', 25.8–34.7s). A estrutura é bem pensada para discurso público, mas não para feed: falta o 'hook' visual no primeiro frame (ex.: texto grande, expressão de choque, corte rápido) que atravessasse o filtro anti-anúncio.

O CTA é ausente. Não há botão, link, convite explícito para compartilhar, comentar ou votar. A legenda do post ('É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas!') funciona como CTA implícito (convida a validar e compartilhar a narrativa), mas dentro do vídeo não há nada. Para a plataforma Instagram, um CTA nativo seria: sobreposição de texto tipo 'Compartilha se você também acredita', sticker de enquete, ou até um simples 'Marca quem precisa ouvir isso' — gestos que mobilizam o comportamento de feed sem parecer anúncio.

A peça atende bem ao objetivo declarado (prova social) e ao público-alvo (base política de esquerda em Alagoas): o testemunho de uma mulher comum que se arrepende de criticar o político e depois o valida é munição eficaz para reforçar pertencimento e mobilizar apoio. Os gatilhos emocionais (culpa/vergonha → esperança/ganho), de autoridade (símbolos visuais de afiliação), de prova social (palmas, gritos de multidão) e narrativos (arquetipo de 'triunfo_vira_lata') funcionam. Mas a forma não é nativa do meio — é conteúdo de comício capturado e postado, não conteúdo pensado para feed.

Para tornar a peça mais nativa: (1) refilmar em formato vertical puro, sem palco visível, com a oradora em close (ombro/cabeça) em ambiente mais casual ou doméstico, reduzindo a marca de 'evento'; (2) quebrar a duração com cortes mais rápidos (zoom in/out, planos diferentes, inserts de texto grande em momentos-chave) para manter ritmo de feed; (3) adicionar um CTA explícito no final ('Compartilha se você também mudou de ideia' ou 'Marca um amigo que precisa ouvir isso'), nativo do gesto de feed. Isso manteria a força narrativa e emocional para a base, mas atravessaria o filtro anti-anúncio com mais eficiência.

Dimensões: D1: 3/5 · D2: 2/5 · D3: 4/5 · D4: 4/5 · D5: 4/5 · D6: 1/5

Penalidades: Enquadramento e cenário claramente de palco/evento político (fundo vermelho, iluminação dramática, estrutura metálica visível) — dispara filtro anti-anúncio; Ritmo de corte lento (3.5 cortes/min) com cenas longas (média 11.57s, máxima 21.59s) inadequado para consumo mobile rápido; CTA totalmente ausente dentro do vídeo — nenhum botão, texto de ação ou gesto nativo de feed; Dependência parcial de áudio para significado do b-roll de hospitais (10.9–12.9s) — genérico sem narração

Evidências:

- [0:00] "Palco com fundo vermelho, estrutura metálica de iluminação visível no topo, mulher em meio corpo centralizada com microfone" — Sinaliza 'comício filmado' em vez de 'fala nativa de feed' — dispara filtro anti-anúncio
- [0:00] "'Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado'" — Gancho narrativo bem posicionado no início; estrutura de confissão + validação é potente para base política, mas execução visual a expõe como discurso preparado
- [0:10] "B-roll de hospitais, ambulâncias, placas ('Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher'), faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' com efeito de flash de fotos" — Saliência visual coincide com mensagem (prova concreta de ação), mas depende do áudio para significado — funciona parcialmente no mudo
- [0:19] "Multidão grita 'É verdade!' sincronizado com fala da oradora; palmas e 'Uhu!' em 24.8–25.4s" — Prova social audível e visual reforça narrativa; gatilho de autoridade e pertencimento funciona bem para público-alvo declarado
- [0:25] "'Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado! Um beijo no fundo do coração'" — Fechamento emocional forte (gesto de beijo ao coração), mas sem CTA explícito — convite implícito a validar, não a agir
- "Legenda do post: 'Nunca vou esquecer das suas palavras, @mpaufferro. (...) É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas!'" — CTA implícito fora do vídeo (na legenda); transforma conteúdo em 'prova social editorializada' em vez de captura autêntica

Sugestão: Refilmar em close (ombro/cabeça) sem palco visível, ambiente mais casual; quebrar duração com cortes rápidos (zoom, planos diferentes, inserts de texto grande) para ritmo de feed; adicionar CTA explícito no final ('Compartilha se você também mudou de ideia') nativo do gesto Instagram. Mantém força narrativa e emocional para base, mas atravessa filtro anti-anúncio com eficiência.

P1 — Tipo de Voto Alvo — nota 7/10

A peça funciona como prova social de alta intensidade dirigida à base convencida e simpatizantes moles do ex-governador Renan Filho. O mecanismo é sofisticado: uma mulher identificada (@mpaufferro) testemunha publicamente uma trajetória pessoal de arrependimento e conversão, estruturada em três movimentos narrativos que replicam o padrão clássico de validação retroativa. No primeiro movimento (0–19.5s), ela confessa ter criticado a construção de hospitais em rede social, usando linguagem de vulnerabilidade ('pedir desculpa', 'critiquei ele') que humaniza tanto a oradora quanto o político — não é um ataque, é uma admissão de erro de julgamento. O segundo movimento (19.5–24.8s) dispara o gatilho de triunfo: 'Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos'. Aqui a narrativa inverte a valência: a ação criticada prova-se profética, e a multidão valida com 'É verdade!' (19.5s) e palmas intensas (24.8–25.4s). O terceiro

movimento (25.8–34.7s) consolida com elogio direto e afeto ('Eu tô amando', 'Um beijo no fundo do coração'), fechando o arco emocional.

O alvo implícito é inequívoco: a peça não busca persuadir indecisos ou semear dúvida em eleitores do adversário. Fala para dentro — para quem já simpatiza ou está em dúvida sobre o político, oferecendo munção emocional (a confissão de erro anterior reforça a narrativa de que críticas anteriores eram infundadas) e segurança (validação coletiva audível). A linguagem é deliberadamente simples, sem jargão burocrático, com frases curtas e ritmo oral que replica a fala de comício. Códigos de pertencimento são densos: boné azul 'Renan Filho', adesivo 'LULA' no peito, fundo vermelho, bonés vermelhos com estrela — toda a simbologia de esquerda está presente, mas não funciona como expulsão do não-convertido; funciona como reforço de identidade para quem já está dentro. A oradora não é porta-voz oficial; é cidadã comum, o que amplifica a credibilidade da prova social (não é propaganda, é testemunho).

O registro é coerente com a posição do incumbente em campanha: não promete futuro, entrega fatos passados (hospitais construídos, preparação para pandemia). A legenda do autor ('Nunca vou esquecer das suas palavras... É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo') reforça o enquadramento de continuidade, não ruptura. Não há desmobilização detectada — a peça não diz 'são todos iguais' nem desestimula participação; ao contrário, a reação da multidão (palmas, gritos) é convite implícito a compartilhar e validar.

O ponto crítico é a função entregue ao alvo: a peça entrega exatamente o que a base convencida e simpatizantes moles precisam — munção emocional (a confissão de erro anterior desativa críticas futuras), segurança (validação coletiva audível e visível), e reforço de pertencimento (símbolos partidários, linguagem de comício). Não há ruído significativo entre o que a peça promete fazer (mobilizar base via prova social) e o que ela faz. O b-roll de hospitais (10.9–12.9s) com placas legíveis ('Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher') e faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' funciona como âncora visual concreta que transforma a narrativa oral em evidência material.

Uma fraqueza tática: a peça não oferece ponte para o eleitor brando contrário. A confissão de erro anterior ('Eu critiquei ele') poderia ser expandida para incluir objeções reais que esse público carrega ('Muitos ainda questionam se os hospitais funcionam bem'), criando espaço para resposta que o converta. Atualmente, a peça assume que a pandemia resolveu todas as dúvidas, o que não é verdade para quem não vivenciou os hospitais ou tem críticas sobre gestão. Uma reestruturação prioritária seria: após 'o Renan tava preparado para receber tudo e todos' (24.8s), inserir um segundo testemunho breve de alguém que usou o hospital durante a pandemia, nomeando um resultado concreto (ex.: 'meu pai foi internado e saiu curado'). Isso manteria a base mobilizada e abriria uma ponte para o simpatizante mole que precisa de validação material, não apenas emocional.

Dimensões: D4_funcao_alvo: 4.5/5 · D1_clareza_alvo: 4.5/5 · D2_adequacao_codigo: 4/5 · D3_coerencia_registro: 4.5/5

Penalidades: -0,5: Peça de conversão (simpatizante mole) carregada de códigos que expulsam o não-convertido (simbologia de esquerda densa, linguagem de comício, ausência de objeção óbvia

que o eleitor brando contrário carrega sobre efetividade dos hospitais); -0,5: Pressupõe conhecimento de contexto que o persuasível não tem — refere-se a 'hospitais que construímos' sem nomear quantos, onde, ou métricas de funcionamento; assume que pandemia resolveu todas as dúvidas sobre gestão

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado" — Abertura vulnerável que humaniza a oradora e o político; confissão de erro anterior desativa críticas futuras
- [0:19] "É verdade! (reação da multidão)" — Prova social audível que valida a narrativa de triunfo retroativo; gatilho de pertencimento para base
- [0:24] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos. [palmas e grito 'Uhu!' da multidão]" — Clímax narrativo que inverte valência (crítica anterior prova-se infundada); reação coletiva reforça munção emocional
- [0:10] "b-roll de hospitais com placas legíveis ('Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher') e faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'" — Âncora visual concreta que transforma narrativa oral em evidência material; reforça autoridade via demonstração
- [0:34] "Um beijo no fundo do coração" — Fechamento emotivo que consolida afeto e pertencimento; convite implícito a compartilhar sem CTA explícito

Sugestão: Inserir segundo testemunho breve (15–20s) de usuário de hospital durante pandemia nomeando resultado concreto (ex.: internação bem-sucedida, atendimento rápido) após o clímax 'o Renan tava preparado'. Isso mantém base mobilizada e abre ponte para simpatizante mole que precisa de validação material além de emocional, sem desativar códigos de pertencimento já presentes.

P2 — Quem Bate, Perde — nota 5/10

A peça não contém crítica ou ataque a adversário, grupo, instituição ou política pública. O conteúdo é integralmente celebratório: uma mulher (identificada como @mpaufferro) relata arrependimento por ter criticado no passado a construção de hospitais pelo então-governador Renan Filho, mas valida retroativamente essa ação ao narrar como a infraestrutura se mostrou essencial durante a pandemia. A estrutura narrativa segue um arco de redenção pessoal ('Eu quero lhe pedir desculpa' → 'Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado' → 'Eu quero lhe parabenizar'), não um ataque. O que existe é uma confissão de erro próprio seguida de elogio ao político. Não há adversário sendo criticado, nenhuma acusação contra terceiros, nenhuma política pública sendo denunciada como falha ou prejudicial. A legenda do autor (Renan Filho) reforça o enquadramento: 'reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo'. O tom é de gratidão coletiva, não de confronto. Portanto, a lente P2 não é aplicável a este insumo, pois pressupõe a presença de crítica ou ataque como condição de análise.

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado." — Abertura narrativa: confissão de erro próprio (crítica passada), não ataque a terceiro
- [0:15] "Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele. Eu disse: 'Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar'." — Descrição do próprio comportamento crítico anterior, não ataque presente ao político
- [0:24] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos." — Validação retroativa da ação criticada; elogio, não denúncia

Sugestão: Lente não aplicável: ausência de crítica ou ataque a terceiro. Conteúdo é narrativa de redenção pessoal e elogio político.

P3 — Performance de Debate — nota 7/10

A peça funciona como prova social de alta eficácia para o público-alvo declarado (base de apoio de Renan Filho em Alagoas), mas sacrifica diretividade e mensagem central em favor de narrativa emocional. O mecanismo central é a confissão-redenção: uma apoiadora nomeada (@mpaufferro) admite ter criticado publicamente a construção de hospitais, depois valida retrospectivamente essa ação quando a pandemia prova sua utilidade. Essa estrutura ativa simultaneamente culpa ("pedir desculpa"), esperança ("o Renan tava preparado") e pertencimento (multidão validando em tempo real com "É verdade!" aos 19.5s e palmas aos 24.8s). A oradora não enuncia uma mensagem central explícita — não há frase-chave que resume a proposta política ou o pedido ao espectador. Em vez disso, a mensagem emerge implicitamente da sequência: "investimento em infraestrutura de saúde = visão de longo prazo + preparação para crise". Isso funciona bem para mobilizar base já convencida (que reconhece Renan Filho e celebra a narrativa de "eu estava errado, mas ele tinha razão"), mas deixa o espectador neutro sem gancho claro. A concretude dos exemplos é moderada: há nomes (Renan Filho, @mpaufferro, Maceió), mas nenhum número, nenhuma família específica mencionada, nenhum hospital nomeado além de placas genéricas no b-roll ("Hospital Regional da Mata", "Hospital da Mulher"). O b-roll de 10.9s a 12.9s mostra infraestrutura real, o que ancora credibilidade, mas não há dado verificável sobre quantidade de leitos, vidas salvas ou investimento. A conduta não-verbal é impecável: a oradora mantém energia constante, gesticulação expressiva mas não agressiva, sorrisos congruentes com o conteúdo emocional, nenhuma interrupção, nenhum sinal de desdém. A multidão reage organicamente (não forçada), o que reforça autenticidade. Os dados citados são seguros: a construção de hospitais é verificável (Renan Filho foi governador 2019-2022), a pandemia ocorreu, a preparação é atribuível ao político sem risco de checagem falsa. O risco maior está na metáfora "aviso de Deus que nem Noé" (1.2s–10.9s), que é retórica religiosa, não dado, mas não é apresentada como fato — é interpretação poética aceitável para o contexto de comício. A abertura é forte ("Eu quero lhe pedir desculpa") — cria curiosidade e humanidade. O fechamento é emotivo ("Um beijo no fundo do coração", 34.7s) mas não deixa chamada clara: não há "vote em", "compartilhe", "compareça", apenas gratidão. Para o objetivo declarado (prova social), isso é adequado — a peça não precisa de CTA direto, apenas validar a ação do político. Porém, se o objetivo fosse mobilização ou conversão, a ausência de direcionamento seria crítica. A razão eu/você é 8:1 (a oradora fala muito de si, pouco ao espectador), o que é apropriado para testemunho pessoal, mas reduz identificação do espectador com a narrativa. A estrutura anafórica

("Eu quero lhe...", repetida em 0.9s e 25.8s) cria ritmo memorável e marca a transição emocional de crítica para apoio, funcionando como âncora narrativa. O gatilho de reciprocidade é forte: enumera ação concreta (hospitais) e espera reconhecimento/apoio em troca — a multidão fornece esse reconhecimento em tempo real, fechando o loop. A simbologia visual (boné azul "Renan Filho", adesivo "LULA", fundo vermelho) funciona como priming de identidade para a base, não como persuasão de neutros. Reestruturação prioritária: inserir uma frase-chave que resuma a proposta (ex.: "Renan Filho constrói para o futuro, não para a próxima eleição") e repetir em abertura e fechamento; adicionar um número verificável (ex.: "X hospitais construídos", "Y leitos adicionados") para aumentar concretude; transformar o fechamento em micro-CTA (ex.: "Vamos fazer história de novo — Renan Filho governador") para converter prova social em ação.

Dimensões: D1: 3/5 · D2: 2.5/5 · D3: 3/5 · D4: 5/5 · D5: 4/5

Penalidades: Mensagem central ausente ou implícita (não enuncia proposta explícita, apenas narrativa emocional) — reduz D1 de 4 para 3; Falta de CTA ou direcionamento claro ao espectador (razão eu/você 8:1; nenhum pedido direto) — reduz D2 de 3 para 2.5; Nenhum número específico citado (hospitais, leitos, investimento) — reduz D3 de 4 para 3; Metáfora religiosa não verificável ('aviso de Deus que nem Noé') — risco moderado em D5, mantém 4 por estar claramente no registro poético

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado." — Abertura forte com confissão pessoal; ativa culpa e humanidade; introduz ação concreta (hospitais) mas sem números
- [0:19] "É verdade! (reação da multidão)" — Prova social em tempo real; valida a narrativa da oradora; reforça pertencimento ao grupo
- [0:20] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos." — Clímax narrativo; transição de dúvida para validação; ativa esperança e reconhecimento retroativo
- [0:24] "palmas e grito 'Uhu!' da multidão; efeito sonoro de palmas" — Aprovação coletiva explícita; sincroniza com clímax emocional; reforça prova social (objetivo declarado)
- [0:10] "b-roll de hospitais, ambulâncias, leitos, equipamentos médicos, pessoas com jalecos; faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'" — Demonstração visual concreta de ação política; ancora credibilidade; mas ausência de números reduz impacto
- [0:34] "Obrigado! Um beijo no fundo do coração." — Fechamento emotivo; reforça afeto e gratidão; mas não fornece CTA ou direcionamento futuro

Sugestão: Inserir uma frase-chave que resuma a proposta (ex.: 'Renan Filho constrói para o futuro, não para a próxima eleição') e repeti-la em abertura e fechamento para reforçar D1. Adicionar um número verificável (ex.: 'X hospitais construídos', 'Y leitos adicionados durante a pandemia') no b-roll ou em legenda para aumentar D3 de 3 para 4. Transformar o fechamento em micro-CTA alinhado ao objetivo de mobilização (ex.: 'Vamos fazer história de novo — Renan Filho governador') para converter prova social em ação, elevando D2.

P4 — Eleitor-Herói — nota 6/10

A peça constrói uma narrativa de redenção pessoal que funciona como prova social indireta do político, mas inverte a hierarquia de protagonismo esperada em uma arquitetura eleitor-herói madura. O mecanismo é o seguinte: a oradora (@mpaufferro) confessa ter criticado publicamente a construção de hospitais ('Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele'), posiciona-se como cidadã comum com dúvida legítima ('Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar'), e então experimenta uma transformação de identidade quando a pandemia valida a ação do político ('Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos'). Até aqui, o eleitor seria o herói — aquele que reconhece o erro, aprende e muda de posição. Porém, a legenda do político ('Nunca vou esquecer das suas palavras, @mpaufferro... É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo') recoloca Renan Filho no centro narrativo: ele é quem 'faz história', quem está no 'caminho certo', e a oradora funciona como validadora externa de sua visão, não como protagonista de sua própria transformação. A fala da mulher é emocionalmente específica e ancorada em território (Maceió, Alagoas), com vulnerabilidade nomeada ('pedir desculpa'), o que deveria gerar identificação e agência do eleitor. Mas a moldura final (a legenda) reabsorve essa agência para o político: o reconhecimento dela 'reforça a certeza' dele, não a certeza dela sobre si mesma ou sobre o futuro que ela constrói. A razão eu/você na fala é 8:1 (oito instâncias de 'eu' contra uma de 'você' direto), o que sinaliza que mesmo quando a oradora fala, ela está narrando sua própria jornada emocional, não convocando o espectador a agir. O gatilho de prova social é real e potente (multidão validando em tempo real: 'É verdade!' e palmas), mas funciona como validação do político, não do eleitor. A transformação de identidade da oradora é concreta ('de crítica a apoiadora'), mas não é afirmada como agência dela ('foi você que fez essa mudança'), e sim como resultado da ação do político ('ele estava preparado'). Para públicos já alinhados (base de Renan Filho em Alagoas), essa dinâmica reforça lealdade e oferece munição narrativa ('até quem criticou reconheceu'). Mas para públicos persuasíveis ou indecisos, a peça não oferece identidade futura concreta — oferece admiração por um terceiro. A sugestão de reestruturação seria: manter a confissão e a vulnerabilidade da oradora, mas na legenda (ou em uma fala adicional) afirmar explicitamente que foi a ação coletiva, a pressão de eleitores como ela, que forçou a construção dos hospitais, e que agora, como comunidade, 'estamos fazendo história', não 'ele está fazendo'. Isso elevaria a oradora de testemunha a co-autora.

Dimensões: D1: 2/5 · D2: 3/5 · D3: 2/5 · D4: 3/5 · D5: 5/5

Penalidades: razão eu/você 8:1, acima do limite 2:1 (−0,5); empatia específica presente (dor nomeada: 'critiquei ele', território: Maceió), mas autoridade demonstrada apenas como ação do político, não como competência compartilhada (−0,5); transformação de identidade da oradora é vaga quanto à agência futura: ela muda de opinião, mas não aparece como agente de mudança coletiva (−0,5)

Evidências:

- [0:00] "Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado." — Empatia específica com território nomeado (Maceió, estado) e vulnerabilidade pessoal

(arrependimento), mas sujeito da ação é 'esse homem' (político), não a oradora ou comunidade.

- [0:15] "Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele. Eu disse: 'Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar'." — Confissão de ato passado com dúvida legítima, posicionando a oradora como cidadã comum; porém, a dúvida é dirigida ao político ('governador?'), não internalizada como aprendizado dela.
- [0:24] "Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos." — Clímax narrativo que valida a ação do político, não a transformação da oradora. Ela não diz 'nós estávamos preparados' ou 'a comunidade se preparou', mas 'ele estava preparado'.
- "Nunca vou esquecer das suas palavras, @mpauffero. [...] É esse reconhecimento que reforça a certeza de que estamos no caminho certo para fazer história de novo em Alagoas!" — Legenda do político reabsorve a agência da oradora: seu reconhecimento 'reforça a certeza' dele, não dela. Pronome 'estamos' é inclusivo, mas sujeito implícito de 'fazer história' permanece o político.
- [0:19] "É verdade! (reação da multidão)" — Prova social real e sincronizada, mas valida a narrativa do político (preparação), não a agência do eleitor.

Sugestão: Manter a vulnerabilidade e especificidade territorial da oradora, mas reformular a legenda para afirmar que foi a pressão coletiva de eleitores como ela que demandou os hospitais, e que agora, como comunidade, 'estamos fazendo história juntos' — deslocando o sujeito de 'ele faz' para 'nós fazemos', com o político como facilitador, não salvador.

Inventário de Gatilhos (19)

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
0:00	autoridade · simbolo_autoridade	autoridade	3	real	boné azul com logo 'Renan Filho'; adesivo 'LULA' no peito da oradora; faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO' visível no b-roll
0:00	persuasivo · priming_cromatico_simbolico	persuasivo	3	real	fundo vermelho dominante; boné azul 'Renan Filho'; adesivo 'LULA'; bonés vermelhos com estrela (Lula)
0:00	narrativo · arquetipo	narrativo	3	real	Eu quero lhe pedir desculpa... Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado... Eu quero lhe parabenizar
0:00	emocional · culpa_vs_vergonha	emocional	3	real	Eu quero lhe pedir desculpa... Eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele... Eu disse: 'Por que fazer tanto, tant
0:00	emocional · historia_pessoal	emocional	3	real	Eu quero lhe pedir desculpa... Eu cheguei na rede social dele... Eu tô amando... Um beijo no fundo do coração

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
0:00	narrativo · slogan_bordao	narrativo	2	real	Eu quero lhe pedir desculpa... Eu quero lhe parabenizar
0:01	logico · porque_justificativa	logico	2	retorico	porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus... começou a fazer hospital... Depois veio a coronavírus, o Ren
0:01	unidade · nos_identitario	unidade	2	real	começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado... o Renan tava preparado para receber tudo e todos
0:01	autoridade · credencial_verbal	autoridade	2	real	esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado
0:01	reciprocidade · enumeracao_do_dado	reciprocidade	3	real	começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado... o Renan tava preparado para receber tudo e todos
0:01	unidade · territorio	unidade	2	real	hospital por dentro de Maceió e no estado
0:10	persuasivo · justaposicao	presuasivo	3	real	b-roll de hospitais com placas 'Hospital Regional da Mata', 'Hospital da Mulher', faixa 'OBRIGADO GOV RENAN FILHO'
0:10	logico · prova_demonstracao	logico	2	real	b-roll de hospitais, ambulâncias, leitos, equipamentos médicos, pessoas com jalecos
0:10	persuasivo · geografia_persuasiva	presuasivo	2	real	cenário de hospitais e instalações de saúde; palco com fundo vermelho e estrutura metálica
0:19	prova_social · multidao	prova_social	2	real	É verdade! (reação da multidão)
0:20	emocional · esperanca_ganho	emocional	2	real	Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos
0:24	prova_social · multidao	prova_social	3	real	palmas e grito 'Uhu!' da multidão; efeito sonoro de palmas
0:25	afeicao · elogio_direto	afeicao	2	real	Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigá

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
0:25	narrativo · cta_transitorio	narrativo	1	real	Eu quero lhe parabenizar... Obrigado! Um beijo no fundo do coração

Métricas computáveis

ritmo — 178 palavras/min; 3.5 cortes/min

- **silencios**: {"quantidade":0,"duracao_total_s":0} (ok) — nenhuma pausa dramática $\geq 1,5s$
- **cortes_min**: 3.5 (atencao) — ritmo de corte lento para consumo rápido
- **cena_media_s**: {"media_s":11.57,"mais_longa":{"ini":12.733333,"duracao_s":21.59}} (atencao) — cenas longas — risco de monotonia visual
- **densidade_info**: 178 (ok) — densidade de fala confortável
- **variacao_ritmo**: 8.11 (ok) — ritmo variável (alternância de cadência)
- **fala_continua_max**: 11.9 (ok) — sem blocos longos de fala ininterrupta
- **texto_tela_colisao**: 0 (ok) — texto e fala raramente colidem

emocao — perda/ganho 0; absolutismo 1.94/100

- **hedges**: 0 (atencao) — quase nenhum modalizador — discurso sem concessivas
- **absolutismo**: 1.94 (alto) — linguagem rígida ($> 1,5/100$ palavras)
- **razao_dor_prazer**: {"razao":0,"sequencia_dor_prazer":false} (ok) — equilíbrio dor/prazer
- **razao_perda_ganho**: 0 (ok) — enquadramento equilibrado ou de ganho
- **essencia_vs_conduta**: 0 (ok) — ataques (se houver) são a condutas, não a essências
- **desumanizacao_lexico**: {"trechos":[],"contagem":0} (ok) — sem metáforas de praga/sujeira/doença/animal

proposta — 0 promessa(s); 0 número(s)

- **promessas**: {"contagem":0,"primeiras":[]} (ok) — nenhuma promessa em futuro do indicativo
- **numeros_especificos**: {"contagem":0,"pct_quebrados":0} (atencao) — nenhum número citado
- **perguntas_retoricas**: 0 (ok) — nenhuma pergunta retórica

estrutura — nenhum CTA detectado

- **ctas**: {"direto":0,"timestamps":[],"transitorio":0,"posicoes_relativas":[]} (atencao) — nenhum CTA detectado
- **loops**: {"abertos":0,"fechados":0,"abertos_no_final":0} (ok) — nenhum loop de curiosidade
- **porque_pedido**: 0 (atencao) — pedidos sem "porque" por perto
- **gatilhos_resumo**: {"logico": {"contagem":2,"pct_lastro_real":50,"intensidade_media":2},"afeicao": {"contagem":1,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2},"unidade": {"contagem":2,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2},"emocional":

```
{"contagem":3,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2.7},"narrativo":  
{"contagem":3,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2},"autoridade":  
{"contagem":2,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2.5},"persuasivo":  
{"contagem":3,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2.7},"prova_social":  
{"contagem":2,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":2.5},"reciprocidade":  
{"contagem":1,"pct_lastro_real":100,"intensidade_media":3}} (ok) — 19 gatilhos em 9  
categorias
```

- **t_primeiro_pedido**: null (atencao) — sem pedido com timestamp
- **repeticao_promessa**: 0 (atencao) — promessa dita no máximo uma vez

legibilidade — Fácil (Flesch 82.7), frases de 9.4 palavras

- **ttr**: 0.68 (ok) — diversidade lexical típica
- **concretude**: 0.67 (ok) — discurso concreto, gera imagem mental
- **flesch_ptbr**: 82.7 (ok) — leitura fácil (alvo atingido)
- **frase_media**: 9.4 (ok) — frases curtas, processamento leve
- **densidade_jargao**: 0 (ok) — pouco jargão político-burocrático

direcionamento — razão eu/você 8; "você" 0.97/100 palavras

- **indice_nos**: 0 (atencao) — pouca construção de "nós"
- **razao_eu_voce**: 8 (alto) — acima de 2:1 — narrativa centrada no eu
- **densidade_voce**: 0.97 (atencao) — discurso pouco direcionado ao "você"
- **razao_nos_eles**: "sem exogrupo citado" (ok) — nenhum exogrupo rotulado

Transcrição

Eu quero lhe Eu quero lhe pedir desculpa, porque um dia esse homem começou a receber aviso de Deus que nem Noé, começou a fazer hospital por dentro de Maceió e no estado. E eu cheguei na rede social dele e eu critiquei ele. Eu disse: "Por que fazer tanto, tanto hospital, governador? Que isso não vai funcionar". É verdade! Depois veio a coronavírus, o Renan tava preparado para receber tudo e todos. Uhu! Eu quero lhe Eu quero lhe parabenizar por esses eventos que você tá fazendo. Eu tô amando, fazendo com a saúde, representando. Obrigado! Um beijo no fundo do coração.

Ritmo de edição

Cortes: 2 · Cortes/min: 3.5 · Cena média: 11.4s

Gerado pelo Decodificador de Eficácia Comunicacional em 24/07/2026, 22:04:24